



LIVRO DIDÁTICO PROPOSTO PELO PNLD CAMPO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONCEPÇÃO DE UM PROFESSOR SOBRE AS CONTEXTUALIZAÇÕES E/DE CONTEÚDOS MATEMÁTICOS

Nilcéia Hellen Lacerda Dias
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
nilceialacerda@gmail.com

Enoque da Silva Reis
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
enoque.reis@unir.br

Temática: Educação Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Resumo: O trabalho apresenta a concepção de um professor de Matemática sobre as contextualizações referentes ao campo e conteúdos matemáticos presentes no Livro Didático proposto pelo PNLD Campo. Consiste em um recorte de monografia, que parte da seguinte questão: O que professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em escolas da zona rural concebem a respeito das contextualizações e/de conteúdos matemáticos expressas no Livro Didático para o Campo? Neste caso, o objetivo principal é investigar o que revela um professor a respeito dessas contextualizações. Adotou-se o referencial teórico da Educação do Campo. As informações foram obtidas por meio de entrevista semiestruturada com um professor, cujo nome fictício damos Pedro, dá aula no 4º ano, em uma escola do campo do estado de Rondônia. Os resultados mostram o professor com uma opinião negativa, destacando-se a que o livro por ser multidisciplinar, tem conteúdo resumido. Sobre contextualização da vida no campo, alega que a realidade dos seus alunos não é refletida neste livro, pois as atividades estão mais voltadas para a agricultura, e na sua região predomina-se a pecuária leiteira. Portanto este livro poderia proporcionar um diálogo com o contexto dos alunos potencializando a aprendizagem da Matemática.

Palavras-chave: Concepção de Professor; Livro Didático; Educação do Campo.

Introdução

O tema deste trabalho está inserido no campo da Educação Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e trará a concepção de um professor a respeito das contextualizações de conteúdos matemáticos explorados no livro didático dito específico para o campo, como também a forma que é abordada a vida campesina. Sabe-se que os alunos das escolas do campo têm sua cultura e forma de fazer matemática, e uma vez que o livro é refletido para o campo, pensa-se que o conteúdo aproximaria o conhecimento matemático do aluno, de forma a valorizar seu saber, fazendo com que o aluno se perceba como um ser social que vive no campo e tem sua própria identidade.

A pesquisa desenvolvida junto ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) investigou a concepção de alguns professores em relação aos livros didáticos que estão utilizando e o que concebem sobre as contextualizações presentes no material. Este artigo se caracteriza como um recorte, visto que no TCC a pesquisa analisou as concepções de oito professores de duas escolas, através de questionários e entrevistas. Aqui embasamos as informações fornecidas por apenas um professor, pois utiliza o material com mais frequência e contribuiu com dados relevantes ao responder todos os questionamentos de forma satisfatória.

Há de se destacar a relevância do tema de estudo do ponto de vista das pesquisas nacionais, de autores como: CALDART (2003); MOLINA (2011); FERREIRA e BRANDÃO (2011); BREITENBACH (2011); KNIJNIK (2003); e nas monografias desenvolvidas por acadêmicos da Universidade Federal de Rondônia campus Ji-Paraná (UNIR): PENA (2012), SILVA (2014) e ANDRADE (2011).

Embora os livros didáticos tenham contextualizações com intenção de retratar o contexto onde os alunos vivem, pensa-se que ainda há muito a ser melhorado na forma de abordar experiências culturais e sociais específicas do morador do campo. O sujeito da pesquisa tem uma experiência com o livro que está sendo utilizado, e expõe seu parecer sobre as diferenças e semelhanças com relação às contextualizações e aos conteúdos matemáticos trabalhados em uma coleção de livros didáticos proposta pelo PNLD Campo. Assim o objetivo geral da pesquisa é investigar o que revela um professor que atua no 4º ano do Ensino Fundamental em escola da zona rural a respeito das contextualizações expressas no Livro Didático.

Educação do Campo

A Educação do Campo teve início no processo de luta dos movimentos sociais para combater à expropriação de terras, a temática está atrelada à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo (MOLINA; FREITAS, 2011).

Sabe-se que a expressão “campo” neste contexto vai além da localização geográfica, ela carrega um significado muito maior, abrangendo os sujeitos em sua totalidade. O termo Educação do/no Campo, se dá,

[...] com relação ao conceito de educação no e do campo, Caldart (2008) explica que o prefixo no é relativo ao direito que o povo tem de ser educado no lugar onde vive;

já o prefixo do, indica o direito dessa educação ser pensada do lugar e com a participação desses sujeitos, vinculadas a cultura e as suas necessidades humanas e sociais (BREITENBACH, 2011, p. 121)

Nos últimos anos o poder público intensificou o fechamento das escolas multisseriadas e adotou a construção de escolas denominadas polos, investindo em transporte para conduzir os alunos do campo à escola polo ou cidade, com a justificativa de conter gastos (PEREIRA; COSTA; OLIVEIRA et al, 2013). Com isso, os alunos “ao chegarem aos centros urbanos não se identificavam com a escola, a educação, seus conteúdos e finalidades, pois a diferença entre vivência, prática e o conteúdo estudado pelas escolas urbanas eram distantes de suas origens camponesas”. (FERREIRA; BRANDÃO, 2011, p. 7).

O motivo plausível que leva esses alunos à desistência dos estudos está na falta de sua identidade nas escolas dos centros urbanos. “Ao não se identificar com a realidade apresentada na escola, crianças e pais acabam perdendo o estímulo para se manter nas escolas” (ARTONI, 2012, p. 27). Além disso, há desvalorização da vida no campo, pois, essas escolas enfatizavam o urbano, em detrimento do rural. “Todo esse cenário de não valorização da educação do campo gera consequências sobre o nível de importância atribuído à educação por parte da população rural” (ARTONI, 2012, p. 27).

Visto que há uma diversidade de culturas e costumes, de acordo com cada região brasileira, não podemos eleger um padrão de pessoa do campo. A população rural rondoniense é bastante heterogênea. Há desde pequenos agricultores familiares, que cultivam pequenas plantações, até algumas cidades no sul do estado, como Vilhena/RO que tem um uma produção agrícola vasta. Mas, a região central do estado, que inclusive é a que constitui a presente pesquisa, é formada por vaqueiros que investem mais em gado leiteiro ou trabalham em fazendas com gado de corte. Deste modo é preciso entender que as crianças que vivem no campo têm um conhecimento previamente adquirido com a vivência entre familiares e amigos, e essas particularidades precisam dialogar com o conhecimento adquirido na escola.

Dentre tantos direitos educacionais garantidos à população do campo, a CONAE destaca que as políticas públicas deverão “[...] garantir a elaboração de material didático específico e contextualizado para cada região, tendo como coautores os/as trabalhadores/as em educação envolvidos na educação do campo” (CONAE, 2010, p. 139). Sendo assim,

pensa-se que o livro didático enviado ao estado de Rondônia conterà contextualizações condizentes com a realidade dos alunos campesinos.

Diante dos fatos, percebe-se que através da luta daqueles que viram a necessidade de leis específicas, constituíram-se diversos documentos que garantem o direito à educação deste camponês. Porém, ainda há muito a ser melhorado, pois na prática vê-se a necessidade de uma escola mais próxima da residência deste educando, condizente com a realidade do mesmo.

O Livro Didático

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi criado pelo Governo Federal, em 1985, através do Decreto 91.542, de 19 de agosto de 1985, com a finalidade de distribuir livros escolares a todos os alunos matriculados nas escolas públicas de Ensino Fundamental do país.

As coleções passam por uma análise especializada, depois de aprovada é feita uma resenha a ser publicada no Guia de Livros Didáticos, que é distribuído a todas as escolas da rede pública do Brasil, para dar suporte aos professores na hora de escolher o livro que será adotado durante os três anos seguintes.

Com o intuito de levar em consideração as especificidades sociais e culturais da comunidade em que o livro é utilizado, a publicação do site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), no ano de 2012 implanta uma política pedagógica específica para os livros didáticos direcionados aos estudantes que moram na zona rural, dando origem ao PNLD Campo.

O Livro Didático se constitui em um material de apoio fundamental no desenvolvimento do trabalho docente e no processo de aprendizagem dos educandos. Por essa razão, as coleções destinadas ao ensino e à aprendizagem, foram criteriosamente avaliadas considerando o contexto dos espaços educativos do campo contendo textos, atividades e ilustrações que possibilitem ao educando se apropriar dos conteúdos escolares articulados com as referências contextualizadas de suas relações mais imediatas e experienciadas no campo (BRASIL, 2013, p. 8).

Inicialmente esses livros foram direcionados somente aos estudantes dos Anos Iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A escola pesquisada aderiu à Coleção Girassol, PNLD Campo 2016-2018, sendo a segunda edição destinada ao alunado da região camponesa, a primeira foi a Coleção Projeto Buriti, que tinha vigência de 2013-2015.

Metodologia

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa. Estando a pesquisa dentro da área de educação, tem-se como principal referência metodológica os autores Bogdan e Biklen (1994), que expõem:

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências e pontos de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aquele de uma forma neutra (p. 51).

Sendo assim, a pesquisa visa investigar qualitativamente a concepção de um professor a respeito do Livro Didático que utiliza para ensinar Matemática nos Anos Iniciais de uma escola do Campo.

O termo concepção é definido por Moron (1999, p. 92),

como uma maneira própria de cada indivíduo ou de cada professor elaborar, interpretar, representar suas ideias e de agir. É construída a partir das experiências individuais que são influenciadas por uma série de variáveis do ambiente (conhecimentos, valores, experiência prática, componente emocional).

Dentro da pesquisa qualitativa há instrumentos de trabalho de campo utilizados para coletar dados, nesta ocasião a entrevista, que teve foco na concepção deste professor acerca do Livro de Matemática específico para o Campo. Para Bogdan e Biklen (1994, p. 134) “[...] a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

Dentre os diferentes tipos que se tem quanto à estrutura da entrevista, vale ressaltar a “entrevista semiestruturada que combina perguntas fechadas e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador” (MINAYO, 2004, p. 108).

Dessa forma, a entrevista adotada na pesquisa caracterizou-se como semiestruturada, e optou-se por utilizar categorias de análise com base nas perguntas feitas ao professor que ensina Matemática nos Anos Iniciais de escola do campo a respeito do Livro Didático.

Análise de dados

Caracterização do sujeito

Essa categoria vem para definir as características do sujeito da pesquisa, visto que suas experiências podem implicar na concepção da atual profissão. Deste modo, é interessante saber se este professor estudou em escolas do campo, se percebeu a Matemática

contextualizada com a vida no campo e se a formação inicial abordou sobre o tema, porque “as mesmas tendências que estão presentes na disciplina Matemática nos cursos de magistério, elas podem estar influenciando a forma como o professor concebe o ensino e a aprendizagem da Matemática” (MORON, 1999, p. 94).

Pedro, 38 anos, estudou em escola do campo na infância, esta ficava situada na zona rural da cidade de Teixeiraópolis. Depois de estudar uns três anos, foi transferido para escola urbana, após a professora ir embora e ficarem sem aula. Nos dias atuais a escola onde ele estudou extinguiu-se, e predominam as escolas polos, igual à que ele trabalha, “as escolas do sítio, as escolinhas multisseriadas juntou tudo numa escola só, então hoje é escola polo”, afirma o professor. Então, houve um contato com a escola do campo, enquanto aluno, em um certo momento da sua vida.

Cursou Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e concluiu no ano de 2004. Tem 18 anos de trabalho como professor na Educação Básica, sendo 17 anos em escola do campo. Primeiramente fez Magistério, o qual capacitava professores para dar aulas no 1º ciclo do Ensino Fundamental. Depois, prestou concurso público e começou a trabalhar em 1998, ele afirma: “Comecei trabalhando com o primário, mas devido à necessidade de professores de Matemática me jogaram para o ginásio, na época [...] eu dizia que gostava muito de Matemática, não pensava em fazer faculdade ainda, estava esperando a oportunidade”. Posteriormente, com experiência em lecionar para o 2º ciclo do Ensino Fundamental, que era comumente chamado de ginásio, Pedro obteve a oportunidade que esperava. Afirma: “Eu fiz a faculdade de Matemática em Ariquemes, pelo PROHACAP, que é uma faculdade de férias, no recesso a gente ia para Ariquemes, estudava de manhã, à tarde e à noite para dar conta. É bem cansativo, não foi fácil essa faculdade”.

O Programa de Habilitação e Capacitação de Professores Leigos (PROHACAP) veio com “a necessidade de formar professores de nível superior [...] que não possuem formação adequada para o magistério no sistema educacional onde trabalhassem” (BRASIL, 2002, p. 2).

O referencial da Educação do Campo declara que através de lutas de movimentos sociais houve uma mobilização que levou à reflexão de uma escola para o campo. E em discussões pelos principais autores que tratam do tema, “foram apontadas algumas insatisfações dos povos do campo com relação à falta de infraestrutura das escolas, falta de

apoio do Estado, livros didáticos, currículo e calendários escolares que não consideram a realidade do campo, *professores leigos*” (BREITENBACH, 2011, p. 120, grifo nosso).

Ao ser questionado sobre a discussão da temática de Educação do Campo, Pedro afirma: “No curso de Matemática ouvi falar muito pouco, eu lembro vagamente”. Mas “no decorrer do trabalho nas escolas, a gente sempre tem muitos cursos, tem até muito tempo que eu não faço esse tipo de formação, mas nós tivemos alguns cursos oferecidos pelo município que tratava sobre essa temática” (2016).

Na escola polo Tarsila do Amaral, Pedro trabalha somente com o 4º ano, e como professor titular dá aulas das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Geografia. Além disso, trabalha na Escola Sebastião Amorim, na cidade de Teixeiraópolis/RO, com o 6º, 7º e 9º ano as disciplinas de Matemática e Geografia. Atuando nas duas escolas, Pedro tem uma jornada de trabalho de 50 horas semanais.

Atualmente a formação correspondente para lecionar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é o curso de Pedagogia, capacitando professores que também ensinam Matemática. Porém Pedro é licenciado, ganhando o título de professor de Matemática, ainda assim em sua percepção, houve preparo suficiente através do Magistério para lecionar a disciplina. O professor conta: “Eu tive essa formação, muito boa, eu sofri mais no Magistério do que na faculdade, [...], tive que batalhar bastante” (2016).

Conclui-se que pelo fato da trajetória acadêmica do professor ter ocorrido paralelo a sua vida profissional, pois ele já atuava na escola do campo quando iniciou sua formação acadêmica, e pensa-se que naturalmente sua vivência em sala de aula estava atrelada aos estudos na faculdade.

Contextualização do conteúdo matemático

No início do ano letivo os professores da escola se reúnem e discutem os conteúdos a serem trabalhados, como dispostos no Projeto Político Pedagógico (PPP). Pedro diz: “A gente pensa muito na realidade dos alunos, pensamos também na questão do tempo [...] então a gente seleciona aqueles que são essenciais, que não podem faltar”.

A escolha dos livros é feita, junto aos demais professores da escola, de acordo com o que julgam melhor, geralmente duas opções, segundo Pedro “muitas vezes a primeira opção que a gente escolhe não vem, vem a segunda [...] aí a gente tem que recorrer de novo aos livros antigos” (2016).

Pedro avalia o Livro Didático proposto pelo PNLD Campo como um material de conteúdo reduzido, “não são fracos, é que vem pouco assunto”, afirma. Segundo o exposto na entrevista pensa-se que essa redução no conteúdo é devido à multidisciplinaridade da coleção. O livro contém Matemática e Ciências, e na visão do professor, utilizando somente esse livro o conteúdo terminaria no meio do ano letivo. Para ele o material deveria expor mais contextos e atividades para os alunos estudarem em casa.

Ao mencionar uma alternativa para conteúdo e atividades, o professor cita um livro antigo que gosta muito, a coleção Pode Contar Comigo, do Bonjorno, afirmando sempre ter trabalhado esta coleção, pois têm mais assuntos e diversas atividades. Quando o professor diz “assuntos” entendemos como “conteúdo”.

Os conteúdos são poucos, a gente tem que buscar, mas não deixa de ter importância um Livro porque é o ponto de partida, agora cada professor tem de correr atrás, não pode ficar só focado naquele material. Eu creio que o bom professor, o bom matemático, tem que estar buscando meio de ensinar aquilo que está ali, não adianta também ter muito assunto, e o aluno não aprender, se aquele pouco que tem o aluno aprender está ótimo, melhor do que jogar muita coisa e passar em branco na vida do aluno, a ideia principal é o aluno aprender pelo menos o pouco que tem (PEDRO, 2016).

Em sua citação percebe-se que Pedro reconhece que o livro didático não é currículo, cada educador tem autonomia para decidir os conteúdos que serão abordados. A pesquisa por outros materiais didáticos é eficaz para promover a melhoria do ensino. Além disso, ressalta que a quantidade de conteúdo não garante qualidade, o importante é o aprendizado efetivo do educando.

Contextualização do contexto do campo

O livro didático ao apresentar uma contextualização, proporciona a oportunidade dos alunos aplicar o que aprendem em sala no seu dia-a-dia. Na Matemática as atividades propostas não devem ser de mera repetição e memorização, necessita ter problemas que admitam diversas estratégias de resolução, torna-se favorável quando está de acordo com a realidade do aluno.

Segundo Knijnik (2003), a Matemática estudada na escola e os saberes do cotidiano precisam dialogar para existir uma aprendizagem completa, porém isso não acontece. Para o professor o livro traz alguns problemas condizentes com a realidade, mas não são muitos, se trabalhasse com a realidade dos seus alunos iria chamar mais atenção, por exemplo, falar sobre criação de gado, algo muito explorado na região central do estado de Rondônia. Acerca

disso ressalta que “os autores de livros antes de produzir um livro tinham que fazer uma busca nas regiões no campo para saber realmente a realidade do aluno, o que ele poderia colocar no livro, qual o tipo de linguagem” (2016). Pois, o livro enfatiza a agricultura, mas em sua cidade o foco está no gado leiteiro.

Os documentos oficiais reconhecem que “as particularidades das realidades rurais devem ser consideradas” (CONAE, 2010, p. 62). Na perspectiva do professor, o livro proposto pelo PNLD Campo atende cerca de 60% das especificidades do Campo. É interessante o momento em que o professor diz: “Hoje os alunos do campo não têm muita diferença dos alunos da cidade”. Por ele trabalhar tanto na escola polo como na estadual, essa fala atrai atenção. Tendo em vista que a cidade de Teixeiraópolis/RO tem área desmembrada do Município de Ouro Preto do Oeste/RO com território de apenas 459 km², é considerado um município rural. Daí os alunos da cidade não se diferir dos camponeses. De fato, a criança camponesa não deve ser alguém isolado da sociedade, e sim aquela que vive no campo e tem acesso à cidade, desfrutando dos mesmos benefícios dos outros. Ressalva a existência de ônibus que conduzem tanto os alunos do campo como os da cidade à escola.

Além disso, Caldart (2003) afirma que:

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito (p. 66).

Portanto, defende-se uma escola de acordo com a realidade do estudante, extrapolando o contexto da vida no campo, porque o sujeito não é isolado no ambiente onde reside, ele está em contato com realidades externas constantemente.

Considerações

O trabalho discutiu a concepção de Pedro, um professor que leciona no 4º ano, o qual contribuiu com seu parecer a respeito do livro didático proposto pelo PNLD Campo e suas contextualizações tanto de conteúdos matemáticos quanto do contexto da vida no campo.

Se conheceu o Livro Didático utilizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas localizadas no campo, sendo uma Coleção Girassol PNLD Campo 2016-2018, e soubemos que ela segue o mesmo padrão da coleção adotada anteriormente. Compreendeu-se, através da entrevista, a concepção do professor Pedro, como ele acredita que deveria ser o Livros Didático para o campo e qual a importância de se desenvolver esse material específico para o campo. Identificou-se a frequência com que o professor trabalha com o Livro Didático

proposto pelo PNLD Campo. Investigou-se a visão do professor sobre a forma que o sujeito do campo é representado no livro, não condizendo com a realidade da região onde ele leciona.

Metodologicamente, por meio de abordagem qualitativa, na primeira etapa da pesquisa aplicou-se um questionário, com base no questionário foi possível saber informações a respeito da vida profissional do professor com dados de identificação, a fim de saber onde estudou, quanto tempo de profissão e se utiliza o livro didático com frequência. A segunda etapa se caracterizou em entrevistas a partir do questionário anterior. Os critérios utilizados para a escolha envolveram mais tempo de carreira em escola do campo e adotar o Livro Didático proposto pelo PNLD Campo. A entrevista teve o foco na concepção deste professor acerca do livro. A análise teve como base o referencial teórico da Educação do Campo e da Etnomatemática, com o foco nas concepções de apenas de um professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que adotou a Coleção PNLD Campo 2016-2018.

Ao analisar a concepção do professor, observou-se que sua opinião é negativa acerca do livro didático específico para o campo. Em seu perfil desde a infância tem contato com a educação voltada para o campo e iniciou sua formação acadêmica depois de já lecionar, assim pensa-se que sua vivência contribuiu para seu ideal. Acerca do conteúdo ele declara ser reduzido, porém ressalta que a quantidade de conteúdo não garante qualidade, o importante é o aprendizado efetivo do educando. Ao tratar da contextualização da vida no campo, defende uma escola de acordo com a realidade do estudante, extrapolando o contexto onde reside, pois ele está em contato as realidades do campo e da cidade constantemente.

Espera-se que a produção de pesquisa científica com essa temática se expanda, a fim de que essa informação seja compartilhada em todo o país. Mesmo porque, as editoras de livros didáticos podem compreender a identidade multifacetada dos sujeitos do campo e produzir um material que venha contemplar essa realidade.

Referências

- ARTONI, C. B. Relação entre perfil socioeconômico, desempenho escolar e evasão de alunos: Escolas do Campo e Municípios Rurais no Estado de São Paulo. Ribeirão Preto, 2012. 132p. Dissertação de Mestrado. Orientador: Cláudia Souza Passador.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos, e técnicas*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Guia de Livros Didáticos PNLD Campo 2013: Matemática*. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL, W. (92/80M). . 2002. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/numero037Walterlina.pdf>. Acesso em: 02 Dez. 2016.

BREITENBACH, F. V. A Educação do Campo no Brasil: uma história que se escreve entre avanços e retrocessos. *Revista Espaço Acadêmico* nº121. Jun. 2011.

CALDART, R. S. A Escola do campo em movimento. Coletivo Nacional de Educação do MST. Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA). Brasil, 2003. *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, pp.60-81.

CONAE, Conferência Nacional de Educação. *Construindo o sistema nacional articulado de educação: O plano nacional de educação, diretrizes e estratégias de ação*. 2010.

FERREIRA, F. de J.; BRANDÃO, E. C. Educação Do Campo: Um olhar histórico, uma realidade concreta. *Revista Eletrônica de Educação*. Ano V. No. 09, jul./dez. 2011.

KNIJNIK, G. Currículo, etnomatemática e educação popular: um estudo em um assentamento do movimento sem terra. *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, pp.96-110, Jan/Jun 2003.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOLINA, M. C.; FREITAS, H. C. de A. *Avançose desafios na Construção da Educação do Campo*. Em Aberto, Brasília, v.24, n.85, p. 17-31, abr. 2011.

MORON, C. F. *As atitudes e as concepções dos professores de educação infantil com relação à Matemática*. 1999, p. 87-102. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/zetetike/article/view/2605/2349>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

PEREIRA, C. de S.; COSTA, T. F. dos S.; OLIVEIRA, T. S. de. *As experiências educativas de crianças e adolescentes do campo em Ji-Paraná: O êxodo anunciado*. SED (Seminário de Educação). UNIR, 2013.